

# VIOLÊNCIA NA ESCOLA PÚBLICA: RELATOS DE PROFESSORES

*Violence in public school: reports of teachers*

Artigo Original

## RESUMO

**Objetivo:** Analisar a percepção de violência a partir dos relatos de professores do Ensino Fundamental e Médio de uma escola pública estadual, em Fortaleza, Ceará. **Método:** Estudo descritivo, qualitativo, realizado com 26 professores, no período de janeiro a maio de 2006. Para a coleta de dados adotaram-se os seguintes procedimentos: discussão sobre violência na escola durante as reuniões da semana pedagógica; leitura do regimento escolar e distribuição de um instrumento com questão norteadora sobre a concepção de violência, a partir da realidade escolar, entre os participantes do estudo. Posteriormente foi feita a análise temática dos relatos. **Resultados:** Através dos relatos dos professores emergiram as seguintes categorias: agressões físicas, verbais e brigas como as mais citadas; esconder objetos pessoais, palavrões, empurrões, desrespeito ao professor e brincadeiras de mau gosto também foram mencionados. **Conclusão:** A partir dos relatos conclui-se que a violência é percebida nas dimensões física, moral e simbólica e essas “tipologias” corroboram as denominações encontradas na literatura como *bullying* ou incivildades, que predominam no contexto escolar.

**Descritores:** Violência; Ensino Fundamental e Médio; Agressão; Docentes.

## ABSTRACT

**Objective:** To assess the perception of violence from the reports of teachers of elementary and high school in a public state school in Fortaleza, Ceará. **Method:** A qualitative descriptive study conducted with 26 teachers, in the period from January to May 2006. To collect the data we adopted the following procedures: the discussion on school violence during the meetings of the teacher training week; the reading of the school regulations and the distribution of an instrument with the guiding question about the concept of violence as from the school reality, among the participants of the study. Afterwards, the thematic analysis of the reports was carried out. **Results:** Through the reports of teachers emerged the following categories: physical aggression, verbal aggression and fights as the most cited; to hide personal belongings, cursing, shoving and disrespect for the teacher and pranks were also mentioned. **Conclusion:** From the reports it appears that violence is perceived in physical, dimension moral and symbolic, and these “typologies” corroborate the descriptions found in literature as *bullying* or incivility, which dominate the school context.

**Descriptors:** Violence; Education; Elementary and High School; Aggression; Faculty.

Luiza Jane Eyre de Souza  
Vieira<sup>(1)</sup>

Carlos Alberto Pereira de  
Abreu<sup>(1,2)</sup>

Maria Teresa Moreno Valdês<sup>(1)</sup>

Eliany Nazaré de Oliveira<sup>(3)</sup>

Renata Carneiro Ferreira<sup>(1)</sup>

Ana Maria Fontenelle Catrib<sup>(1)</sup>

1) Universidade de Fortaleza – UNIFOR –  
Fortaleza (CE) – Brasil

2) Escola de Ensino Fundamental e Médio  
Prof. Aloysio Barros Leal –  
Fortaleza (CE) – Brasil

3) Universidade Vale do Acaraú – UVA –  
Sobral (CE) – Brasil

Recebido em: 20/04/2009

Revisado em: 29/09/2009

Aceito em: 26/10/2009

## INTRODUÇÃO

Histórica e socialmente, a escola é concebida como uma instituição co-partícipe na formação global do indivíduo, somando conhecimentos, habilidades técnicas e científicas ao desenvolvimento pessoal e cidadão. A literatura reafirma que o contexto escolar, enquanto espaço de manifestação e vivência da realidade subjetiva do sujeito, a despeito do reconhecimento e da relevância dos demais campos nos quais esse se insere, apresenta-se como *locus* privilegiado de observação e intervenção frente a esta realidade. Espaço de formação e aprendizagem, a instituição educativa envolve uma ação para além do aspecto cognitivo ou da prática curricular, constituindo um campo de interações sociais, crescimento integral e construção cultural<sup>(1)</sup>.

Configura-se, também, como espaço de construção e demonstração de atos violentos, inquietando governos e sociedade civil. Como pondera a UNESCO, em pesquisa realizada no Observatório de Violência, a escola é considerada também um dos veículos de produção e de disseminação da violência simbólica na sociedade<sup>(2)</sup>.

Sobre a violência, a literatura retrata que esta se apresenta como um fenômeno complexo e que também está presente no ambiente escolar, comprometendo ensino e aprendizagem do aluno, assimilação de valores, relações interpessoais, interferindo na harmonia familiar e social, além de causar sérias repercussões à saúde individual e coletiva<sup>(3-5)</sup>.

Estudiosos preconizam que a violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição<sup>(6,7)</sup>. Vale salientar a complexidade conceitual acerca do tema, pois este é visto e disseminado de acordo com o ponto de vista de quem o enuncia: mídia, alunos, professores, gestores, familiares, sociedade civil e governos, o que ocasiona dicotomia e contradições nos discursos<sup>(8)</sup>.

Pouco se escuta os protagonistas, no caso, os alunos, e que o “espaço enunciativo se divide quase sempre entre professores, políticos e especialistas e, estes últimos, muitas vezes convidados ou contratados por organizações e instituições públicas”<sup>(8)</sup>.

Nesse sentido, ressaltam-se os trabalhos relacionados sobre a violência escolar e os desenvolvidos por pesquisadores da UNESCO, que, no Brasil, tiveram início nos anos 1990, com a participação de distintas classes sociais, sobre as violências sentidas e presenciadas por essa juventude. Em uma dessas pesquisas com jovens de Brasília, Fortaleza, Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo foram identificados que cerca de 60% dos jovens, na faixa de 14 a 19 anos, já tinham sido vítimas de algum tipo de violência nas unidades escolares, nos últimos anos<sup>(9)</sup>.

Na verdade, historicamente a questão da violência na escola não é tão nova. Assim, no século XIX, houve, em certas escolas de ensino médio, algumas explosões violentas, sancionadas com prisão. Da mesma forma, as relações entre alunos eram, frequentemente, grosseiras nos estabelecimentos de ensino profissional dos anos 50 ou 60. Portanto a violência na escola não se constitui um fenômeno inovador, o que chama atenção é que este seja característico da sociedade pós-moderna, assumindo formas historicamente construídas<sup>(6)</sup>.

Primeiramente surgiram formas de violência muito mais graves que outrora: homicídios, estupros, agressões com armas. É certo que são fatos que continuam raros, mas dão a impressão de que não há mais limite, que, daqui por diante, tudo pode acontecer na escola – o que contribui para produzir o que se poderia chamar de uma angústia social em face da violência na escola. Além disso, os ataques a professores ou os insultos que lhes são dirigidos já não são raros: aí também, um limite parece ter sido transposto, o que faz crescer a angústia social<sup>(6)</sup>.

Ao se assumir abordagem extrema em relação à violência na escola, pode-se adotar, de um lado, uma abordagem exacerbada do fenômeno incorrendo no risco de criminalizar comportamentos comuns e, de outro, uma abordagem restrita que pode desconsiderar as vítimas e as microviolências no âmbito escolar. Portanto, se aceita uma visão extensa e complexa da violência escolar, que incorpora a violência física, a simbólica ou institucional e a verbal, como também as incivildades<sup>(10)</sup>.

Corroborando a complexidade desse tema, a literatura retrata a indefinição do que realmente possa ser entendido por violência. Assim advogam que esse fenômeno é multifacetado, recebe influências culturais, históricas e econômicas, de poderes constituídos e organizados, dentre outros atributos que acompanham a história da humanidade<sup>(11-14)</sup>.

A violência manifesta-se por meio da interação de suas condutas, em que um ou ambos exercem uma força sobre o outro, especificada pela intenção e pela consideração que esse efeito agressivo produz, ainda quando difere do objetivo de seu executor. Manifesta-se com o desejo de matar, de eliminar física ou simbolicamente o outro<sup>(15)</sup>, expressando também o caráter individual da violência, como explicitado no Modelo Ecológico da OMS<sup>(16)</sup> e a Teoria da Delinquência<sup>(17)</sup>.

No Brasil, tem-se buscado refinar o conceito de violência, delimitando a população jovem e a escola como objeto social de estudos. Embora incipientes, a maioria dos estudos foram feitos em locais regionalizados, sendo que, nos anos 80, as incidências foram contra o patrimônio (pichações e depredações); nos anos 90, ganham destaque as

formas de agressão interpessoal, ocorridas, principalmente, entre alunos<sup>(18)</sup>.

Apesar de as escolas se respaldarem em um regimento para nortear condutas e comportamentos de seus alunos, no sentido de prevenir problemas que redundem em agressões, atitudes inapropriadas, ameaças, atos de violência física e moral, não têm alcançado êxito. Sabe-se que o cumprimento desse instrumento não tem conseguido conter a diversidade de atos violentos que originam lesões corporais, insultos, a prática do uso de drogas, tentativas e concretizações de homicídios, ou outros eventos que condizem com alguma tipologia de violência, já descrita na literatura<sup>(6,7,14)</sup>.

Contribuindo com discussões e reflexões sobre esse grave problema de saúde pública, a violência escolar tem suscitado investimentos epistemológicos, econômicos e sociais, de modo que se justifica a realização de pesquisas sobre esse objeto complexo para que se descortinem, cada vez mais, como essa violência está sendo produzida, no sentido de se aproximar dos atores que a enfrentam, direta ou indiretamente.

É oportuno enfatizar a indissociabilidade da educação e saúde resgatando, desse modo, o conceito de ambiente saudável e promotor de saúde, como delineado nas Cartas de Promoção da Saúde<sup>(19)</sup> e nas diretrizes que fundamentam as Escolas Promotoras de Saúde<sup>(20)</sup>. Estes documentos preconizam a escola como um espaço de aprendizagem, formação, mediação, construção de vínculos, sendo necessário, nessa consecução, requisitos como paz, lazer, segurança, dentre outros atributos.

Ampliando a importância da interrelação entre a saúde e a educação, a Política Nacional de Promoção da Saúde<sup>(21)</sup> reforça a importância de co-habitar em ambientes saudáveis e a necessidade de se desenvolver estratégias para se “trabalhar” a autoestima, incentivando a responsabilização do indivíduo e coletividade sobre o autocuidado com a saúde. Nessa linha de raciocínio, devem ser investigados os fatores intervenientes na busca da promoção da saúde entre as populações, e também os eventos violentos e suas repercussões no âmbito individual e coletivo, tudo isso que constitui obstáculos ao desenvolvimento humano.

Nesse sentido, entendendo-se a dificuldade em conceituar e perceber atos que se configurem como violentos, por ser isso um fenômeno dinâmico, no qual se manifestam comportamentos agressivos dos que insultam e dos que são insultados, identificam-se também as “cargas” emocionais inerentes ao agressor e ao agredido, por isso, as investigações nesta temática são relevantes e pertinentes. Nessa linha de raciocínio, o estudo analisa a percepção de violência a partir dos relatos de professores do Ensino Fundamental e Médio, de uma escola pública estadual, em Fortaleza, Ceará, tendo como foco a influência

desta no ambiente educacional e no processo de ensino-aprendizagem.

## MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva com abordagem qualitativa, que foi desenvolvida em uma escola da rede pública do ensino fundamental e médio, no Município de Fortaleza, Ceará. Esta escola é vinculada à Secretaria de Educação Básica do Estado do Ceará (SEDUC), que responde por sua gestão administrativa e pedagógica e sua escolha se deu por estar localizada em um bairro de baixo índice de desenvolvimento humano (IDH).

As adjacências da escola se estruturaram com construções de casas populares em uma área desprovida de saneamento básico, próxima ao aterro sanitário de Fortaleza. Este bairro detém precárias condições de vida entre seus moradores, baixa renda per capita, número significativos de desemprego e subemprego, além de situações limite de violência<sup>(22)</sup>. A escola recebe os alunos desse bairro e das vizinhanças, no ensino fundamental de 5ª a 8ª séries e alunos do ensino médio. Como na maioria dos bairros periféricos a insegurança está presente e, muitas vezes, os praticantes de delitos são os ex-alunos ou mesmo alunos da escola que enveredaram pelo caminho das “drogas ou do crime”, sendo denunciados pela mídia impressa e televisiva.

Quanto à caracterização dos professores participantes, a média de idade foi de 43 anos. Todos os docentes tinham curso superior com pós-graduação *lato sensu* concernente à educação (metodologia do ensino fundamental e médio, psicopedagogia, educação especial, leitura e escrita), o que confere aos participantes um conhecimento profissional e necessário à compreensão da complexidade do cotidiano escolar e sua interface com a violência.

Apresentaram renda média de 4,5 salários mínimos (um salário mínimo = R\$350,00 ou US\$166,66) exercendo a profissão com tempo médio de docência de 22 anos. A maioria 17 (65,4%) residente em bairros localizados nas proximidades da escola. Quanto ao estado civil, quatro eram solteiros, quatorze casados e oito separados. Quanto à naturalidade, 16 eram provenientes de municípios do interior do Estado do Ceará e 10 do município de Fortaleza.

Para a realização da pesquisa com os professores, esta foi dividida em três momentos: (i) reunião com os professores durante a semana pedagógica, quando se explanou os objetivos da pesquisa – violência na escola e preferiu-se leitura analítica do regimento escolar sobre os direitos, deveres e proibições ao aluno; (ii) entrega de um instrumento de observação dos alunos para os professores que concordaram em participar do estudo e (iii) análise dos relatos contidos no instrumento de pesquisa.

Importante mencionar que no regimento identificou-se que há uma preocupação dos dirigentes da escola com a violência que se manifesta entre os alunos, e também enfatiza a necessidade para despertar uma consciência crítica em prol da paz, resgate da autoestima, bem como possibilidades de conceber estratégias para o combate de uma prática violenta. Acrescenta-se que foram discutidos os preceitos éticos que envolvem pesquisas com seres humanos<sup>(23)</sup>. O corpo docente da escola era formado por 38 professores, 27 do ensino fundamental e 11 do ensino médio. Todos foram convidados a participar da pesquisa; destes, 26 concordaram.

No segundo momento, entregou-se um instrumento aos 26 professores para que manifestassem suas compreensões com as seguintes questões-chave: (i) para você, o que é violência na escola? (ii) como você retrata as situações de violência na escola vivenciadas entre professores e alunos e a influência desta no ambiente educacional e na aprendizagem dos mesmos.

De posse desse instrumento, o professor registraria, durante dois meses, as situações de violência percebidas na sala de aula ou nos outros espaços da escola. Deu-se conhecimento aos participantes do termo de consentimento livre e esclarecido, e aos que aderiram, após sua leitura, o assinaram. Essa etapa perdurou durante os meses de fevereiro e março de 2006. Posteriormente os professores devolveram o instrumento no qual registraram-se as situações consideradas violentas.

No terceiro momento, submeteram-se os relatos dos professores sobre violência na escola à análise temática<sup>(24)</sup>, mediante leitura flutuante do material, leitura focalizada para identificação das convergências e divergências, ordenação e codificação dos recortes apreendidos dos discursos dos sujeitos, os quais foram agrupados em duas categorias: agressividades e incivildades.

O anonimato e a confiabilidade dos participantes foram respeitados utilizando-se, para tal, a codificação numérica para preservar a identidade dos participantes, obedecendo os princípios éticos<sup>(23)</sup>, sendo o projeto aprovado sob parecer de nº. 101/2006, pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Fortaleza.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na análise temática a partir dos discursos dos professores, as respostas foram agrupadas em duas categorias: agressividades e incivildades.

A caracterização da violência como agressividade foi mencionada por dez (10) dos 26 professores do estudo, sendo referida como: agressão física (05), brigas (04) e empurrões (02). Dos participantes, 16 fizeram alusão à

violência como incivildades, mencionando brincadeiras de mau gosto (02); empurrões (02); palavrões (02); esconder objetos (04); apelidos (02); desrespeito ao professor (04) e agressão verbal (03).

Neste estudo chama atenção o fato de que os professores não mencionaram situações violentas que são geradas por atitudes impróprias à prática pedagógica<sup>(2)</sup>.

Essas concepções são corroboradas pela literatura, quando pesquisas realizadas em diferentes contextos salientam comportamentos agressivos, *bullying*<sup>2</sup>, desrespeito nas relações interpessoais envolvendo professor e aluno, aluno e aluno, professores e gestores<sup>(25-27)</sup> como as principais modalidades de violência. Estudo realizado com 8.773 professores de educação básica, de todo o Brasil, sobre a qualidade da educação, evidenciou que, 85,5% dos professores acreditam que nos três últimos anos aumentaram os conflitos nas escolas<sup>(28)</sup>.

Pesquisa realizada sobre as várias formas de violência escolar, envolvendo seis escolas da rede estadual da região metropolitana de Belém, na qual participaram 397 sujeitos entre alunos, pais, professores, equipe técnica e pessoal de apoio, detectou que a violência evidenciada foi, principalmente, quanto ao patrimônio da escola e agressões físicas envolvendo brigas entre os alunos. Agressões verbais e humilhações também foram citadas como presentes na escola, assim como um alto índice de gravidez na adolescência e discriminação sexual<sup>(29)</sup>.

Questões de gênero, violência sexual, gravidez na adolescência não foram mencionadas pelos professores deste estudo, associando-as com algum tipo de violência.

A convivência com a violência dentro da escola foi confirmada por 20 (76,9%) professores que afirmam ter identificado, em seu cotidiano, alguma forma de violência. Esses expressaram, em seus discursos, concepção de violência atribuída às agressões físicas e verbais, comportamento agitado e falta de respeito entre os alunos, que originam, muitas vezes, mais violências. Acrescentaram que o aluno vitimado não deixa impune o agressor.

*“Tive que conter dois alunos porque estavam esmurrando-se”.* (Professor 5).

*“Eles costumam brincar de se esmurrar, chutar, podendo se machucar seriamente no intervalo”.* (Professor 1).

*“Somente algumas brincadeiras de mau gosto por parte de alguns alunos: como apelidos que deixam alguns colegas constrangidos, correr e empurrar o colega para ser o primeiro da fila ou para pegar a cadeira da frente, colocar o pé para que o colega tropece, esconder o material escolar ou os chinelos, malhar os colegas etc.”.* (Professor 2).



Esses tipos de comportamento agressivo, que ocorrem nas escolas entre os alunos, muitas vezes admitidos como naturais, são habitualmente ignorados ou não valorizados, tanto por professores quanto pelos pais. A literatura concebe esse comportamento agressivo e intimidatório como *bullying* e o conceitua como uma forma de afirmação de poder interpessoal. O *bullying* escolar, ou violência entre pares, é um fenômeno tão antigo quanto prejudicial, que pode deixar marcas profundas na vida de um escolar. Apesar dos educadores terem consciência da problemática existente entre agressor e vítima, poucos esforços foram despendidos para o seu estudo sistemático até princípios dos anos setenta<sup>(25,30,31)</sup>.

O *bullying* acontece entre jovens e crianças de todas as classes sociais, e não está restrito a nenhum tipo determinado de escola. Por violência entre pares entende-se os maus-tratos, a opressão, a intimidação e as ameaças que ocorrem de forma intencional e repetida. Isso inclui gozações, apelidos maldosos e xingamentos que magoam profundamente a criança e pode causar sérios prejuízos emocionais, como perda de autoestima e exclusão social<sup>(25)</sup>.

Estudos realizados na Espanha e em outros países, confirmam a preocupação dos professores com os problemas de disciplina escolar; alguns ficam tão ansiosos que chegam a abandonar sua atividade profissional<sup>(32)</sup>.

Tornando a discussão controversa e paradoxal, a literatura faz alusão à complexidade de se enquadrar todos os tipos de comportamentos dessa juventude em algum tipo de violência. Este estudioso ainda suscita reflexões sobre se a sociedade não está ampliando o conceito de violência, de tal maneira, que toda e qualquer reação esboçada entre alunos, anteriormente vista como uma oportunidade de defesa e crescimento individual e coletivo, passou a ser “entendida” como violência<sup>(33)</sup>.

Esporadicamente, algumas crianças fazem brincadeiras inofensivas e utilizam palavras e comportamentos inadequados durante essas, o que nem sempre pode ser caracterizado como *bullying*. É preciso se avaliar a intensidade e o significado dessas atitudes. A observação constante e a parceria entre escola e família são cruciais para a possível eliminação de tais comportamentos<sup>(25)</sup>. Nessa perspectiva, faz-se necessário exercer com parcimônia o “enquadramento dos casos” para não rotular de patológico todos os casos de violência entre pares.

O professor pode identificar o *bullying* na escola e alertar que os agressores geralmente acham que todos devem fazer suas vontades, e que foram acostumados, por uma educação errônea, a ser o centro das atenções. Esses aparentam serem crianças inseguras, que sofrem ou sofreram algum tipo de agressão por parte de adultos e que passam a repetir um comportamento aprendido de autoridade e de

pressão. Tanto as vítimas, quanto os agressores, necessitam de auxílio e de orientação<sup>(25)</sup>.

Neste estudo o relato de um professor se aproxima da compreensão do que venha a ser *bullying*:

*“A aluna é muito agressiva em relação a tudo que se fala com ela. A própria irmã da mesma confirmou, na reunião de pais e mestres, que ela age igualmente com a família em casa”.* (Professor, 12).

Os alunos se configuram como observadores da violência e passam a conviver com esse fenômeno; calam-se ou não são valorizados em suas observações por pais e professores. Dessa forma, temem tornarem-se alvos, e podem sentir-se incomodados e inseguros<sup>(25)</sup>.

A família, ao tentar fugir dos padrões autoritários, não consegue estabelecer novos padrões e limites na educação dos filhos. Na fase da adolescência, a ausência de clareza, a desorientação, enfim, tornam-se um complicador para os jovens. A total liberdade, que a família assegura aos seus filhos, acaba levando-os à perda de referências significativas, o que lhes complica o desenvolvimento e o amadurecimento psicológicos<sup>(34)</sup>.

A família contemporânea vivencia novos arranjos e transformações sociais e, nesse sentido, delega à escola funções educativas que historicamente eram de sua responsabilidade, o que acarretou uma mudança no perfil de comportamento do aluno<sup>(35)</sup>.

*“As alunas tiveram atitudes agressivas uma com a outra com palavras rudes, com desrespeito à professora, por causa do trabalho de equipe com a colega que não gostou da maneira que ficou o trabalho na cartolina”* (Professor 8).

No ambiente escolar, as incivildades muitas vezes ganham o contorno de comportamentos desafiantes por parte de alunos que procuram a visibilidade, provocando as autoridades – o que é constatado no dia-a-dia das escolas<sup>(2)</sup>.

A escola é um lugar de aprendizagem e de disciplina, mas atualmente a dinâmica nesse espaço é alterada pela atitude dos alunos que têm problemas de comportamento violento, e isso os leva a infringir de diferentes formas a disciplina, a acusar os seus colegas e professores, interferindo no processo de ensino-aprendizagem.

Contudo, a educação trouxe para o universo escolar um conjunto diferente de alunos, sendo certo que a escola atual – da maneira como está organizada e da maneira como foram formados os professores –, só está preparada para lidar com alunos de formato padrão e perfil ideal<sup>(35)</sup>.

*“Os alunos apresentam um comportamento muito agitado, com desrespeito aos colegas e aos professores. Eles brigam, mexem nas coisas*

*dos colegas, falam palavrões, sujam a sala de aula, conversam na hora da aula e não fazem as atividades de classe, nem as de casa. Dessa forma eles atrapalham o andamento escolar e dos alunos em geral, e principalmente o dele”* (Professor 9).

Existe grande perplexidade da parte do professor que, muitas vezes, fica sem saber como agir para resolver e prevenir os múltiplos conflitos que surgem no cotidiano escolar. O que se observa é que, na maioria das vezes, eles têm dificuldades de lidar com as situações de conflito, de forma a propiciar ao aluno experiências educativas de interação social construtiva, que favoreçam a sua formação ética e minimizem a violência na escola<sup>(36)</sup>.

*“O aluno, mesmo sendo chamado à atenção, ele não obedece. Não faz as atividades tanto de casa como as de classe e nem fica atento durante as explicações, permanecendo em sala de aula, sempre fazendo brincadeiras de péssimo gosto. O aluno precisa ser conscientizado da maneira como deve estar no ambiente escolar e da responsabilidade que deve ter com seus estudos”.* (Professor 20).

A escola está passando por uma crise relacionada à socialização, e ela tem enfrentado dificuldades na transmissão das normas e dos valores gerais da sociedade. Além disso, o manejo da classe nas mãos do professor e os alunos em posição de obediência e subalternidade perderam-se no tempo. Neste contexto atual a indisciplina entra como protagonista, podendo ser entendida como resistência e ousadia dos alunos<sup>(37)</sup>.

Pesquisa realizada em seis escolas da Rede Municipal (SP) investigou se professores e alunos percebiam violência no âmbito escolar e, em caso positivo, de que forma esta violência se manifestava. A resposta deles foi unânime de que a escola era um espaço de violência. As razões apresentadas foram surpreendentes, uma vez que, algumas atitudes desenvolvidas entre professor e aluno e entre os alunos, não são percebidas como atitudes violentas, como por exemplo: falta de diálogo entre os alunos, entre professores e alunos, falta de companheirismo, falta de educação doméstica, mas, especialmente, o desrespeito dos professores para com os alunos<sup>(34)</sup>.

Neste estudo, os sujeitos aludiram, de maneira enfática, sobre os comportamentos agressivos que são exteriorizados no contexto escolar. Estudiosos apontam que existe uma relação desse tipo de comportamento com violência sofrida em outros ambientes, salientando o familiar e o modo de ser “educado” por meio da punição<sup>(3)</sup>.

Como essas situações de conflitos podem favorecer o estresse e exigir mecanismos de enfrentamento, não raro há manifestações de adoecimento entre os atores, afetando a relação professor-aluno e abalando a saúde de ambos. Tanto em nível individual como coletivo, registram-se sérias repercussões da violência à saúde humana, à harmonia do ambiente e à paz social<sup>(14)</sup>.

*“Essa turma apresenta várias dificuldades e em relação ao comportamento são agressivos, chegando a baterem uns nos outros. Existe um aluno que é agressivo em tudo que faz e tenho dificuldades em trabalhar com ele em sala de aula, já fui até para o cardiologista por causa dele”.* (Professor 4).

Os professores são em si objetos da violência nas relações de trabalho, suscetíveis a pressões e conflitos decorrentes dessas relações desiguais<sup>(38)</sup>. Às vezes, o professor vive a experiência da desmoralização de seu trabalho, com a imposição contínua de mudanças no sistema de ensino, e, como vem sendo discutido na literatura<sup>(14,21,39)</sup>, esses incidentes carregam sérias repercussões na saúde.

Dentre os fatores que podem contribuir para os atos de violência dentro e fora do espaço escolar, pode-se destacar a falta de autoridade dos superiores e docentes, o comportamento agressivo dos alunos e também a educação desses alunos no ambiente familiar, que se estende ao escolar. Há, no geral, uma grande incidência de violência verbal e comportamento agressivo em que pode estar implícito um pedido de socorro e uma necessidade de pertença a um contexto de que o aluno possa visualizar e experimentar aconchego e valorização pessoal. Estudos<sup>(3,40)</sup> chamam atenção para a sensibilidade em que os profissionais devem ter em face dessas questões.

A agressividade é uma disposição biopsíquica reacional: a frustração inevitável (quando não podemos alcançar um objetivo) leva à angústia e à agressividade. A agressão é um ato que implica uma brutalidade física ou verbal (*agredire* é aproximar-se, abordar alguém, atacá-lo), e, por isso, enfatiza-se o uso do poder, da força e da dominação<sup>(6)</sup>.

Diante da constatação da violência na escola ou da escola, vale enfatizar a importância de uma prática dialógica. Esta deve ter como pilares a escuta, o envolvimento dos protagonistas, incluindo a família e a comunidade, assim, nessa perspectiva, é uma trilha a ser percorrida na transformação desses ambientes adversos em espaços de construção de uma cultura da paz, da solidariedade, do respeito mútuo e do resgate da autoestima e da cidadania.

É importante referir as experiências exitosas na diminuição e prevenção da violência escolar, como Programas desenvolvidos em escolas no Rio de Janeiro, Recife, bem como em outros países da América Latina, os quais são centrados e orientados por práticas dialógicas, participativas e coletivas<sup>(15,25,41,42)</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência na escola, na concepção dos professores do estudo, convergiu para as categorias cognominadas de agressividades e incivildades. Esta percepção está em acordo com a literatura pertinente ao tema e requer investigações contínuas em que se possa diversificar e evidenciar a “voz” das pessoas que protagonizam o cenário da violência escolar: alunos, família, escola, comunidade.

O comportamento agressivo, evidenciado na escola, é uma extensão do ambiente familiar, no qual a educação transita em pólos, muitas vezes, contraditórios e maléficos para a formação psicoemocional e relacional, o que foi salientado pelos professores do estudo.

Os sujeitos trouxeram à tona, em seus discursos, situações que podem ser consideradas como *bullying*, que é um fenômeno mundial e tem significações históricas e culturalmente contextualizadas. Por isso, é oportuno reforçar que a escola é e precisa continuar sendo um espaço promotor de ensino-aprendizagem, e se firmar como parceira da família na formação de valores e no fomento à construção de uma cidadania responsável.

Abordar sobre a violência e suas possibilidades de prevenção, deve ser questionado junto a professores, pais, alunos e sociedade como um todo. Esta questão é urgente no sentido de se multiplicarem ações que possibilitem reconhecer e trabalhar em prol dessa mudança. Por ser um tema complexo e multifatorial, não pode ser discutido isoladamente, haja vista que seus efeitos transcendem territórios, culturas, decisões políticas, econômicas e sociais, afetando a todos, portanto, exige engajamento coletivo e responsável.

## AGRADECIMENTOS

Escola de Ensino Fundamental e Médio Prof. Aloysio Barros Leal.

Este trabalho contou com auxílio material e financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, entidade governamental brasileira promotora do desenvolvimento científico e tecnológico. Processo n. 504458/2004-3.

Este artigo é um recorte da dissertação intitulada: Violência na escola desafiando a promoção de um ambiente saudável. Mestrado em Educação em Saúde, 2006, p. 95.

## REFERÊNCIAS

1. Dusi MLHM, Araújo CMM, Neves MMBJ. Cultura da paz e psicologia escolar no contexto da instituição educativa - cultura da paz e psicologia escolar. *Psicol esc Educ* [periódico na internet] 2005 [acesso em 2009 Out]; 9(1):135-45. Disponível em:
2. Abramovay M. *Cotidiano das escolas: entre violências*. Brasília: Unesco; 2006. [acesso em 2006 Dez 20] Disponível em: <http://www.unesco.org.br>.
3. Maldonado DPA, Williams LCA. O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica. *Psicol Estud*. 2005;10(3):353-62.
4. Abramovay M. *Escola e violência*. Brasília: Unesco, 2002 [acesso em 2006 Nov 28]. Disponível em:<http://www.unesco.org.br>.
5. Njaine K, Minayo MCS. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. *Interface* [periódico na internet]. 2003 [acesso em 2006 Out 12];7(13):119-34. Disponível em: <http://www.interface.org.br/revista13/artigo5.pdf>
6. Charlot B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias* [periódico na internet]. 2002 [acesso em 2006 Mar 12]; 4(8):32-443. Disponível em: <http://escolaprof.files.wordpress.com/2008/03/violencia-escola-fr.pdf>
7. Derbabieux E, Blaya C. Violência nas escolas e políticas públicas. Brasília: Unesco, 2002. [acesso em 2006 Nov 28] Disponível em: <http://www.unesco.org.br>.
8. Guerrero MM, Lobera IJ. La violencia escolar em los textos periodísticos. *Revista iberoamericana de educación* [periódico na internet]. 2005 [acesso em 2006 Jul 10]; 38:105-19. Disponível em: <http://www.rieoei.org/rie38a06.pdf>.
9. Waiselfsz JJ. *Mapa da violência 3 – os jovens do brasil*. Brasília: Unesco, 2002. [acesso em 2005 Dez 20] Disponível em: <http://unesco.org.br>.
10. Abramovay M, Avancini MF. *Educação e incivildade*. 2004. [acesso em 2006 Nov 28] Disponível em: <http://observatorio.ucb.unesco.org.br/artigos/95.pdf>.

11. Arendt H. Da violência. Brasília: UNB; 1970.
12. Michaud Y. A violência. São Paulo: Ática; 1986.
13. Assis SG, Constantino P. Violência contra crianças e adolescentes: o grande investimento da comunidade acadêmica na década de 90. In: Minayo MCS, Souza ER, organizadores. Violência sob o olhar da saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003. p.163-98.
14. Minayo MCS. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Brasília: Ministério da Saúde; 2005. p.9-42.
15. Pintus A. Violencia en la escuela: compartiendo la búsqueda de soluciones. Revista iberoamericana de educación [periódico na internet]. 2005 [acesso em 2006 Jan 10]; 37:117-134. Disponível em: <http://www.Rinace.net/biblioteca>.
16. Krug EG, Sharma GK, Lozano R. The global burden of injuries. Am J Public Health. 2000;90:523-6.
17. Schoemaker DJ. Theories of delinquency. An examination of explanations of delinquent. New York: Oxford University Press; 1996.
18. Abramovay M, Avancini MF. Violência na escola: o caso Brasil. Brasília: Unesco; 2004 [acesso em 2006 Nov 28]. Disponível em: <http://observatorio.ucb.unesco.org/artigos/95.pdf>.
19. Ministério da Saúde (BR). Declaração de alma-ata. Carta de Ottawa. Declaração de Adelaide. Declaração de Sundsvall. Declaração de santa fé de Bogotá. Declaração de Jacarta. Rede de megapaíses. Declaração do México. Brasília: Ministério da Saúde; 2001.
20. Stewart-brown S. What is the evidence on school health promotion in improving health or preventing disease and, specifically, what is the effectiveness of the health promoting school approach? Copenhagen, who regional office for europe (health evidence network report), 2006. [acesso em 2006 Mar 01]. Disponível em: <http://www.euro.who.int/document/e88185.pdf>.
21. Ministério da Saúde (BR). Política Nacional de Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2006.
22. Pequeno LRB. Como anda Fortaleza. Conjuntura urbana 5. Letra Capital-Observatório das Metrôpoles [acesso em 2009 Out 26]. Disponível em: [http://www.observatoriodasmetrôpoles.ufrj.br/Vol5\\_como\\_anda\\_fortaleza.pdf](http://www.observatoriodasmetrôpoles.ufrj.br/Vol5_como_anda_fortaleza.pdf)
23. Ministério da Saúde (BR). Resolução n.196. Diretrizes e normas técnicas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da saúde; 1996.
24. Minayo MCS. Desafio do conhecimento. 6ª ed. Rio de Janeiro: Abrasco; 2004.
25. Nogueira RMCPA. A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas. Revista iberoamericana de educación [periódico na internet] 2005 [acesso em 2005 Fev 10]; 37:93-102. Disponível em: <http://www.rieoei.org/rie37a04.pdf>.
26. Edward EG. Cine para reflexionar violencia y educadores. Revista iberoamericana de educación. 2005;37:155-72.
27. Abramovay M. Violencia en las escuelas: un grand desafio. Revista iberoamericana de Educación [periódico na internet]. 2005 [acesso em 2005 Dez 05]; 38:53-66. Disponível em:<http://www.rieoei.org/rie38a03.pdf>.
28. Fundação SM; Organização dos Estados Ibero-americanos. A qualidade educação da sob o olhar dos professores. São Paulo: Fundação SM; 2008. [acesso em 26 Set 2008]. Disponível em: [http://www.edicoessm.com.br/ArquivosColegios/edicoessmAdmin/Arquivos/documentos/PESQUISA\\_SEMINARIO VALORES\\_2008.pdf](http://www.edicoessm.com.br/ArquivosColegios/edicoessmAdmin/Arquivos/documentos/PESQUISA_SEMINARIO VALORES_2008.pdf).
29. Moraes CR, Azevedo AM, Teixeira MCS. As diversas formas de violência no ambiente escolar: retratos de uma experiência. In: II Congresso Ibero-Americano sobre Violências nas Escolas; 2005 Outubro 26-28; Belém-Pará, Brasil. [acesso em 2006 Mar 24] Disponível em: <http://www.catedra.ucb.br/sites/100/122/00000647.pdf>
30. Lopes Neto AA. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. J Pediatr [periódico na internet] 2005 [acesso em 2005 Dez 02]; 81(5 suppl):87-96. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>
31. Fante C. Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2ª ed. Campinas: Verus; 2005.
32. Gotzens C. A disciplina escolar: prevenção e intervenção nos problemas de comportamento. 2ª ed. Porto alegre: Artmed; 2003.



33. Charlot B. Cotidiano das escolas: entre violências. In: Abramovay M, editora. Cotidiano das escolas: entre violências. Brasília: Unesco; 2006. p. 17-26. [acesso em 2006 Dez 20] Disponível em: <http://www.unesco.org.br>
34. Silva AMM. A violência na escola: a percepção dos alunos e professores. Série Idéias. nº 28. São Paulo: FDE; 1997. p.253-67. [acesso em 2006 Ago 14] Disponível em: [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_28\\_p253-267\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p253-267_c.pdf)
35. Chrispino A, Dusi MLHM. Uma proposta de modelagem de política pública para a redução da violência escolar e promoção da Cultura da Paz. Ensaio: aval. pol. públ. Educ. 2008;16(61):597-624
36. Gonçalves MAS, Piovesan OM, Link A, Prestes LF, Lisboa JG. Violência na escola, práticas educativas e formação do professor. Cad Pesqui. [periódico na internet] 2005 [acesso em 2006 Dez 05]; 35(126):635-58. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n126/a06n126.pdf>
37. Camacho LMY. As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes. Educ Pesqui. 2001;27(1):123-40.
38. Itani A. A violência no imaginário dos agentes educativos. Cad CEDES. 1998;9(47):36-50.
39. Buss PM. Promoção da saúde e qualidade de vida. Ciênc Saúde Coletiva. 2000;5(1):163-77.
40. Castro CT. Jóvenes y violencia. Revista iberoamericana de educación. 2005;37:55-92.
41. Ortega R, Del RR. Estratégias educativas para a prevenção da violência. Brasília: Unesco; 2002.
42. Díaz-aguado MJ. Por qué se produce la violencia escolar y cómo prevenirla. Revista iberoamericana de educación. 2005;37:17-47.

**Endereço para correspondência:**

Luiza Jane Eyre de Souza Vieira  
Rua Ceres, 1157  
Edson Queiroz  
CEP: 60834-180 - Fortaleza – CE - Brasil  
e-mail: [janeeyre@unifor.br](mailto:janeeyre@unifor.br)